

MARIA ALCINA DE ARAÚJO FARIA

QUANDO O TEMPO NÃO APAGA O AMOR



edita.me

As nuvens sempre me encantaram! Desde muito pequena que me habituei a observá-las no seu caminhar silencioso e nostálgico pelas estradas do infinito... Não sabia de onde vinham, nem para onde iam, ora grandes e compactas como misteriosos castelos, ora leves e finas como transparentes teias... para mim, enigmáticas e sempre fascinantes! Das suas variadas formas eu criava gigantes, figuras, cenários e ficava tempos esquecidos brincando assim com elas. O facto de ter nascido e crescido numa herdade situada bem no coração do Minho, conhecida pelo Solar das Laranjeiras, deu-me o privilégio de aprender a sentir a Natureza em toda a sua plenitude, a escutar o canto dos pássaros e o sussurro das águas, a distinguir os verdes das árvores e dos campos, a catalogar as montanhas que emolduram a paisagem e, de um modo especial, a ver as nuvens deslizar entre a terra e o céu.

A herdade tem uma grande casa solarenga, rodeada de muitas laranjeiras e vários campos, que se estendem em socalco à frente da casa, até encontrarem o rio Cávado, que banha as fraldas dos terrenos do Solar. Bem perto, há um moinho abandonado, que ou-

trora teve um moleiro que ali moía o centeio e o milho que, depois de reduzidos a farinha, eram metidos em sacos, com os quais o moleiro carregava o cinzento burro e ia pela aldeia, distribuindo-os de porta em porta. Caminhavam os dois a par, em passo pachorrento, sem pressa que o dia chegasse ao fim.

Quando era miúda, gostava de ir até ao moinho para brincar, descobrir coisas novas e falar com o Sr. Zé Moleiro, assim era conhecido. Recordo-o com certa saudade... A farinha que lhe polvilhava a cabeça disfarçava os cabelos brancos, e as rugas do rosto, sulcos do tempo e de uma vida dura, eram suavizadas pela leve máscara branca.

O interior do moinho tinha uma beleza deslumbrante! Duas grandes mós rodavam incessantemente, esmagando os cereais quase grão a grão. Do pó acumulado da farinha, formavam-se no tecto pingentes brancos, dando a ideia de estalactites. As paredes de pedra granítica pareciam cobertas por finas cortinas de cambraia. Pela pequena janela entravam os raios do sol, que com os seus reflexos, davam a sensação de que o paraíso era mesmo ali, entre o céu e a terra... e o rio continuava a embalar o engenho, com uma suave melodia sem fim...

Agora, em plena juventude, vou muitas vezes ao moinho que já não labora e está abandonado, e também já não vou brincar! Ele é o refúgio secreto dos encontros amorosos com o Luís. Para nós, ele é o nosso castelo encantado, onde debulhamos os sonhos e guardamos os segredos... onde desfrutamos a serenidade dos amantes unidos... Ele é como que um lugar místico, onde os nossos sonhos voam até ao infinito! Desde os tempos do Liceu até agora, à Faculdade, nos períodos de férias, é no moinho, onde não chegam olhares curiosos e maldosos, que nos encontramos e onde tudo é só nosso... e nós, um do outro...

Contamos com a convivência da Delfina, a quem eu quero quase como se fosse minha mãe, pois foi ela que me criou desde que nasci e de um modo muito maternal, após a morte da minha mãe, quando eu tinha apenas três anos. A Delfina foi para casa dos meus avós maternos ainda menina e quando a minha mãe casou e foi viver para o Solar das Laranjeiras, propriedade herdada pelo meu pai, acompanhou-a, sendo a sua criada fiel e dedicada.

A minha mãe pertencia a uma família do Alto Minho. Era bonita, meiga, caridosa e na aldeia todos a estimavam muito. Estava sempre pronta a ajudar os outros, sobretudo os mais carenciados. Conheceu o meu pai no casamento de uns amigos comuns e desde logo se enamoraram. Casaram ao fim de alguns meses de namoro. Após um ano de casados, eu nasci, aumentando assim a sua felicidade e a alegria da casa.

No tempo da caça organizavam grandes caçadas, que para além do desporto, eram motivo de convívio entre as famílias das redondezas. Também as vindimas eram motivo para festas com tocatas e cantares até altas horas da noite, enquanto se pisavam as uvas no lagar.

Numa tarde quente de Verão, a minha mãe regressou a casa cheia de calor, após ter ido à cidade fazer compras. Para matar a sede, bebeu um refresco com água da nascente da mina da quinta. No dia seguinte adoeceu com febre alta, tosse, dores no peito e nas costas. Foi ao médico que a medicou e recomendou que devia ficar de cama. Mas, passados uns dias, a febre não baixou, a tosse persistiu e tinha dificuldade em respirar. Teve de voltar ao médico, que diagnosticou pneumonia, e aconselhou o seu internamento no hospital da cidade. Foi internada, mas, decorridos alguns dias, e apesar dos esforços dos médicos, o seu estado de saúde agravou-se tanto, que veio a falecer num final de tarde... quando o sol

pintava as nuvens de rosa-rubro.

Eu era demasiado pequena para compreender o que se passava, mas mesmo assim, apercebi-me de que algo de muito estranho estava a acontecer. Sabia que a minha mãe tinha ido para o hospital mas começava estranhar que demorasse tanto. Perguntava muitas vezes pela mamã porque sentia muito a sua falta. Um dia, o meu pai sentou-me no colo e disse-me que a minha mãe tinha ido para o céu, mas que continuava a gostar muito de mim!... Disse-me que ele também me amava muito, e que a Delfina era muito minha amiga e que eu ia ficar sempre com ele e com ela. Não percebi por que é que a mamã não podia voltar!... Só queria a minha mamã! Mas... ficou-me gravada aquela frase de que a minha mãe tinha ido para o céu!... E recordo-me de olhar muitas vezes para céu... e talvez por isso, me tenha deslumbrado tanto com as nuvens!...

Após a morte da minha mãe, nada voltou a ser igual. O meu pai, talvez procurando fugir à solidão, passava muito tempo fora da propriedade, e eu crescia sob os cuidados e carinhos da Delfina. Perguntava muitas vezes pela mamã... e a Delfina, conforme podia, lá me ia desviando a atenção... até que me habituei a viver sem ela!

Volvidos quatro anos, o meu pai voltou a casar com uma senhora descendente de uma família fidalga que conheceu nas caçadas. Muito altiva e até arrogante, nunca me aceitou bem, pelo que a minha infância e juventude foram muito difíceis, pois o meu pai deixava-se influenciar pelas opiniões dela. Creio que a situação se agravou quando, decorrido pouco tempo de casados, os médicos diagnosticaram que ela não podia ter filhos. Foi como se toda a sua revolta recaísse sobre mim. Eu compreendia o desgosto dela, até porque sabia que o meu pai gostava de ter um filho, mas não justificava as suas atitudes para comigo. Pelo contrário, se fôssemos

amigas, talvez a ajudasse a superar a falta dos filhos, e a mim, embora não ocupasse o lugar da minha mãe, tornava-me a vida mais suave. Seria bom para as duas. Mas ela não suportava a ideia de ter uma enteada e não ter uma filha ou um filho. Foi na Delfina que encontrei sempre o carinho, a compreensão e a segurança que me ajudaram a crescer com estabilidade física e emocional.

A serração que foi herdada do meu avô paterno não é grande, mas funciona com a regularidade suficiente para satisfazer o orçamento familiar e dar trabalho e sustento a meia dúzia de operários da localidade.

A casa de habitação, que fica ao lado, foi restaurada e nela moro com os meus pais, sem luxos, mas com as comodidades necessárias ao nosso bem-estar. O meu pai foi sempre uma pessoa muito estimada na região por ser considerado muito respeitador e de boas contas nos seus negócios. A minha mãe dedicou-se à vida doméstica e ao cuidado do jardim e da pequena horta onde vai cultivando as batatas e os legumes para o nosso consumo. Tudo foi decorrendo em harmonia e tranquilidade. Como filho único, fui educado o melhor que os meus pais puderam. Depois de acabar a escola primária, fui estudar para a cidade, para o Liceu dos rapazes. Ia e vinha todos os dias na camioneta da carreira, que faz a ligação das aldeias destas redondezas com a cidade. Às vezes ia tão cheia, que no banco de dois lugares acomodávamo-nos três. Foi nessas viagens que comecei a conviver com a Teresa. Ela frequentava o Liceu das raparigas, que por acaso, fica mesmo ao lado

do Liceu dos rapazes.

Quando soava o último toque de saída da aula da tarde, eu corria para a paragem da camioneta que passava perto dos Liceus, para ficar à frente na fila e poder guardar lugar sentado para a Teresa. Tínhamos conversas próprias de adolescentes, simples, puras e descontraídas.

A Teresa foi sempre boa aluna e eu também, pelo que às vezes, aproveitávamos para trocar ideias ou tirar dúvidas. O tempo foi correndo, os anos foram passando, nós crescemos e ficámos dois jovens desenvoltos. Um amor puro e sincero cresceu dentro de nós. Um amor enorme como o firmamento, fresco como as flores do campo e transparente como a água do rio. A Teresa é alta, bonita, de cabelos compridos cor de trigo maduro. Tem uma pele fresca, aveludada e nas faces é levemente rosada. Os olhos de um castanho cor de mel deixam transparecer uma grande alegria de viver. Um pouco introvertida, torna-se simpática e afável quando se abre com as pessoas. É muito meiga e tem um grande coração. Desde muito pequena que queria ser médica, pois achava que assim podia ajudar muito os outros. Eu também partilhava esse sentir e também desejava seguir medicina, embora achasse muito difícil concretizar esse sonho, já que teria de ir para o Porto ou Coimbra, o que seria uma sobrecarga para o orçamento familiar. Mas os meus pais, ao saberem dos meus anseios, prontificaram-se a fazer tudo que estivesse ao alcance deles para que eu tirasse o curso de que gostava. Sempre se sentiram satisfeitos comigo e terem um filho médico era motivo de grande orgulho. Assim, quando completei o liceu, candidatei-me à Faculdade de Medicina do Porto, pois era a que ficava mais próximo, e entrei na Universidade com todo o empenhamento.

Na casa de uma senhora de idade, que após enviudar precisava

de uma fonte de rendimento para poder sobreviver, arrendei um quarto com um colega chamado Afonso. A casa, só vou nas férias e pouco mais. Fica caro, e é preciso estudar. Os encontros com a Teresa passaram a ser praticamente só nas férias, já que ela foi estudar para Coimbra. Durante o restante tempo, escrevemo-nos, mas com muito cuidado, porque ela está em casa de familiares da madrastra que a trazem muito vigiada e que às vezes até lhe remexem nas coisas pessoais.

Entre nós existe um abismo social. Ela é filha do Dom Sampaio Meneses, do Solar das Laranjeiras, e eu sou filho do senhor Manuel Lourenço, da Serração Lourenço. O pai dela nunca irá consentir no nosso namoro e, muito menos, no casamento. Querem para ela um casamento socialmente idêntico e se possível com muito dinheiro. Pressionam-na para que se relacione com filhos de famílias que lhes agradam e ficam muito contrariados por ela não corresponder. O nosso amor tem de ser secreto e clandestino, e os encontros são no velho moinho, onde nos amamos livre e apaixonadamente.

As férias da Páscoa estão a acabar e em breve regressaremos às aulas para finalizar o terceiro ano de medicina. Como sempre, quando estamos de férias, o tempo passa com uma rapidez impressionante! É tão pouco o tempo para estarmos juntos! Cada vez que a vejo, cada momento que estou com ela, mais gosto dela, mais a amo. Sonho com o dia em que iremos ficar unidos para sempre. Vai ser possível, contra a vontade seja de quem for, porque sei como ela me ama. Como nós... nos amamos...

No entanto, há coisas que me trazem bastante preocupado e até perturbado. Estamos em plena guerra colonial e não há rapaz que escape a ficar apurado e a ser mobilizado para uma das Colónias. Como estou a estudar com aproveitamento consecutivo, tenho beneficiado de adiamentos sucessivos, mas logo que acabe

o curso o meu destino é a guerra.

A cada dia, chegam à Metrópole corpos de soldados mortos e feridos. Alguns ficam mutilados para a vida inteira. Mocidades ceifadas, famílias destroçadas, sonhos perdidos, e o País cada vez mais enfraquecido. A guerra dura há anos e não sei quantos mais irá durar, mas não pode ser eterna. O Povo está a ficar cansado e os custos económicos são muito elevados. A nível académico, há movimentos de contestação camuflados, pois a vigilância da P.I.D.E. é muito grande. Alguns estudantes estão a sair para o estrangeiro. O Afonso anda a pensar seriamente nessa hipótese e começou a entusiasmar-me. Confesso que a ideia mexeu comigo. Falei com os meus pais para os preparar para a eventualidade. Eles ficaram assustados com o que me pode acontecer, mas também ficam muito preocupados com a minha ida para a guerra. Disseram-me que apoiam tudo o que eu decidir porque o futuro é meu, e eles sabem que eu farei sempre o que achar melhor, e sendo assim, eles também. Julgo que vivem horrorizados com a ideia de eu poder morrer ou ficar mutilado. Ficam com muita pena do curso, mas eu faço por animá-los, dizendo que a guerra há-de acabar e então, logo eu regressarei para o completar. A minha mãe reza a todos os seus santos e o meu pai embrenha-se no trabalho. Um dia destes, ficou muito preocupado porque o Regedor mandou-me chamar e fez-me uma série de perguntas, entre elas, se eu era comunista, se estava ligado a algum movimento estudantil, o que pensava fazer no fim do curso, etc. Tentei ser o mais natural possível nas minhas respostas e... nas mentiras; mas a partir de então ainda fiquei mais apreensivo porque pareceu-me que o cerco se estava a apertar.

Também me preocupa muito a Teresa, que se baloiça entre a realidade e o sonho, entre o medo e a esperança. Receia o que me possa acontecer e diz que não sabe se vai aguentar as saudades.

Gostava de a poder levar comigo, tudo seria mais fácil, mas é impossível e terei de aguentar firme tudo o que tiver de acontecer.

Às vezes pergunto a mim próprio se estou a ser covarde. Mas não! Não fujo por medo! Vou-me embora por coerência comigo! O Homem nasceu para ser livre.

A minha melhor amiga chama-se Clara e vive em Lisboa, onde os pais têm uma farmácia. Temos feito o curso juntas e somos muito amigas. Mas há poucos meses morreu-lhe o pai, vítima de um enfarte fulminante. A mãe ficou sozinha com o irmão da Clara, que ainda frequenta o liceu. A Clara anda muito triste e preocupada com a mãe que para além de ter perdido o marido, tem o encargo da farmácia. Embora esteja habituada a lidar com o negócio, sozinha é bem mais difícil. Tento animá-la e sempre que possível saímos para nos distrairmos um pouco. Mas ela vai tentar a transferência para Lisboa no próximo ano lectivo, para dar apoio à mãe. Vou sentir muito a sua falta por todos os motivos mas agora ainda mais, visto que o Luís está mesmo decidido a partir. Nas cartas não pode falar muito claro, mas sei que é verdade. Procuo dar-lhe ânimo e força para estudar pois os exames estão à porta. Mas também eu ando muito desconcentrada com tudo isto. É uma fase muito difícil da vida dele e sofremos os dois por não podermos estar juntos. Embora partilhemos o sentir, a separação física não ajuda, porque é muito importante que nos momentos mais difíceis possamos ter a nosso lado aquela mão que pousa, nos aperta e nos dá a energia de que precisamos, aquele beijo que nos aquece a

alma e nos transmite serenidade...

Em casa, as primas da minha madrastra, a Filomena e a Dulce, cada qual a pior, disseram-me que o meu pai teve conhecimento do meu namoro com o Luís e passam os dias a dar-me lições de moral. Já me apercebi de que vigiam o correio e que por vezes mexem nas minhas coisas. Não suporto a situação mas tenho de aguentar.

Depois de terminados os exames, regressámos à aldeia de férias, que têm passado a correr.

O mês de Setembro vai pelo meio e o sol ainda muito quente acaba de amadurecer os cereais e de pintar as uvas.

Sentadas na margem do rio, beneficiando da sombra dos choupos, eu e a Delfina conversamos como amigas, como mulheres e como confidentes.

Contei-lhe que o Luís em breve vai partir, sem saber bem como, nem para onde. Dos riscos que vai correr, das incertezas que vamos viver. Do nosso amor separado por fronteiras quase intransponíveis, das saudades, da ausência sem tempo marcado, da angústia de algo que não se tem, sem que se tenha perdido.

A Delfina encheu-me de carinho e palavras reconfortantes, e aproveitou para me contar a sua história, o seu romance de amor.

Como quase todas as raparigas, na sua juventude teve um namorado de que muito gostava e com quem pensava casar. Um dia, depois de ter estado com ela, envoltos em ternura e fazendo projectos para um futuro que previam risonho, o rapaz teve um acidente de moto e chegou ao hospital já sem vida. A Delfina pensou que o mundo lhe tinha desabado em cima! O seu grande amor, os seus sonhos, os seus projectos, o seu futuro, tudo estava reduzido a nada, numa amálgama de chapas retorcidas.

Os anos foram passando, as feridas cicatrizando, mas o seu co-

ração nunca se abriu a um novo amor.

Foi sempre muito dedicada à minha mãe e depois a mim. Ela diz que eu sou a filha que Deus não deixou que ela tivesse; mas que por remorso lhe concedeu! É nela que eu encontro o carinho e o conforto da mãe tão precocemente perdida! O meu pai é pouco comunicativo e também pouco carinhoso. Pergunta-me pelos estudos, nunca fala no Luís, mas vai arrançando umas conversas em que indirectamente vai deixando, não sei se lhe chame conselhos, se avisos, relativamente aos comportamentos, aos relacionamentos, enfim, costuma-se dizer que para bom entendedor meia palavra basta. A minha madrastra continua ativa e dominante. Manda em tudo e em todos, incluindo o marido. O nosso relacionamento é seco e distante, embora ela, por vezes, procure falar do futuro, incluindo-me nos projectos. Penso que são provocações e tento conter-me para evitar o conflito. Tenho a certeza de que ela pede às primas de Coimbra para me trazerem sempre bem vigiada, mesmo em relação ao correio, em especial às cartas do Luís. Guardo-as dentro de uma caixa com chave e trago sempre a chave comigo, porque às vezes, dou conta de as minhas coisas estarem remexidas.

Mas agora o que me preocupa mesmo é o Luís! A partida está prevista para o fim deste mês. Agrada-me que vá com o colega Afonso porque são amigos e apoiam-se mutuamente. Mas tenho muito receio de tudo o que possa acontecer. Se tiverem a infelicidade de serem apanhados pela polícia, serão punidos por desertar e as penas são muito pesadas. Tenho o coração desfeito de dor e ele ainda não foi embora... No entanto, tenho de ter forças para o apoiar, porque agora, mais do que nunca, ele precisa de mim. Sempre que temos possibilidade encontramos-nos no moinho, que embora velho, é para nós um palácio... e a água do rio, cantan-

do nas pedras, faz lembrar coros de fadas...

As férias passaram tão depressa!... E tão mais rápido, quanto mais dolorosa é a partida! O mês de Setembro chegou ao fim e eu vou partir daqui a dois dias para um país distante e que não conheço. Vou separar-me de tudo o que gosto e de todos os que me são queridos. Sei que vou deixar sofrimento nos que me amam... o que aumenta o meu sofrer!... Tomei a decisão de partir e tenho de aguentar firme todas as consequências. No entanto, o nervosismo é grande e esta noite dormi mal. Os meus pais também não dormiram bem. No meu quarto ouvia-os falar e apercebi-me de que às vezes também choravam. Compreendo o que isto lhes custa mas tento animá-los com a ideia de que se fosse para a guerra ainda era mais arriscado. Embora muito abalados e preocupados, confiam em mim e tentam dar-me ânimo dizendo que estão sempre do meu lado e que esperam não morrer sem que eu seja médico.

O sonho é também meu e espero concretizá-lo numa vida passada ao lado da Teresa. Por ela estou muito inquieto. Tenho a certeza de que está desfeita por dentro, mas tenta fazer-se forte para me ajudar. Custa-me imenso fazê-la sofrer mas as grandes opções da vida têm estes riscos. Amo-a com toda a minha alma e só desejo fazer dela a mulher mais feliz do Mundo. Esta separação vai ser muito dolorosa mas estaremos sempre juntos em pensamento e unidos por um amor eterno.

Tenho consciência de que os meus pais vão ser incomodados pelas autoridades na tentativa de me localizarem, mas tenho a cer-

teza de que eles não deixarão transparecer qualquer pista, pois tudo farão para me proteger. Só espero que não sejam maltratados. Não sei como os vizinhos e amigos irão encarar esta minha atitude, alguns compreenderão, outros não. Aconselhei os meus pais a falarem o menos possível sobre o assunto e a não darem ouvidos aos comentários que possam surgir. Para mim pouca importância tem o que possam dizer. O que interessa é o que penso e o que sinto. Nada me pode fazer recuar. A vida é um jogo de riscos e só ganha quem joga. Levo no coração o amor e na alma a esperança.

Decorreram duas semanas desde a minha partida de Portugal; a primeira foi para a viagem que parecia não ter fim. Finalmente estou em território francês, nos subúrbios de uma cidade no sul de França junto de uma comunidade de portugueses. Chegámos exaustos e com várias escoriações.

Partimos da cidade de Braga, onde eu e o Afonso nos encontramos com o motorista previamente indicado e mais outro homem, que não conhecíamos mas que também ia clandestino, e que nos levou até à fronteira norte com Espanha. Claro que não atravessámos pela fronteira oficial, mas por uns montes, desertos e inóspitos, com um escuro de breu, porque era lua nova e não se via um palmo à frente do nariz. Não podíamos fumar, falar ou fazer qualquer tipo de ruído que pudesse despertar a atenção de alguém vigiando, sabe-se lá de onde. Havia bastante mato e por várias vezes escorreguei e fiquei todo arranhado e com as palmas das mãos esfoladas. Tínhamos de passar para Espanha ainda de noite, onde um carro com matrícula espanhola estava à nossa espera, mas para chegar até ele tivemos de percorrer vales e montes em condições muito difíceis.

Depois, foi a travessia de Espanha que demorou vários dias. Por estradas secundárias, num carro velho que não oferecia condições de comodidade nem de segurança, deambulámos por sítios onde Deus nunca passou. No primeiro dia comemos e bebemos alguns alimentos que levávamos de casa. Para dormir tivemos de ficar dentro do carro, escondidos entre os arbustos que havia perto da estrada em que estávamos a viajar. O sono e o cansaço eram tantos que adormecemos uns encostados aos outros como se estivéssemos na melhor das camas. Tanto o motorista como o carro eram contratados e pagos pelos angariadores para efectuar a viagem. O motorista não era simpático e tratava-nos com modos pouco educados. Nos dias seguintes só viajávamos nas horas consideradas de pouco movimento ou de noite, com medo que a Guarda espanhola nos apanhasse. Dormimos quase sempre no carro ou ao relento debaixo dos arbustos e para comer tínhamos de nos cingir ao que ele nos trazia porque para irmos a algum lado comer uma refeição melhor, era muito arriscado, nunca se sabia quem podia fazer uma denúncia. Quando passávamos por alguma fonte ou regato, aproveitávamos para nos lavarmos conforme era possível. Confesso que tive ocasiões em que me senti desfalecer. Mas logo pensava nos meus ideais e que não há vitórias sem lutas e sofrimento. Tentávamos animar-nos uns aos outros, mas todos sentíamos o quanto estava a custar.

Ao terceiro dia apanhámos um susto enorme porque alguém avisou o motorista de que a Guarda estava a patrulhar a estrada em que seguíamos. Meu Deus! Parecia que os nossos corações pararam! Se fôssemos apanhados éramos repatriados e julgados como traidores à Pátria. Seria a destruição do nosso futuro. O motorista meteu por atalhos e escondeu-nos num curral de porcos meio abandonado. Não podíamos sair dali fosse para o que fosse,

e tivemos de esperar horas, que mais nos pareceram a eternidade, até que ele aparecesse com água e alguns alimentos. Foram horas de muita ansiedade em que também pensei muito nos meus pais e na Teresa. De como eles também estariam ansiosos, das saudades que eu já sentia e sem lhes poder falar ou dar qualquer tipo de notícias.

Foram dias e noites em que também me reencontrei com Deus. Embora tenha sido educado numa família católica, não sou praticante, apesar de às vezes gostar de falar com Deus. Sim, para mim rezar é falar com Deus e para isso posso fazê-lo em qualquer lugar e sem rituais. Orar é um estado íntimo de abstracção em que os fios do mistério nos ligam ao Infinito. A minha mãe ofereceu-me uma medalha de Nossa Senhora que guardo e me acompanha. Representa para mim um símbolo e uma recordação.

Eu e Afonso vamos tentar arranjar trabalho na cidade. O outro homem que viajou connosco foi ter com familiares. Pelo que pude aperceber-me, a maioria dos portugueses que aqui vive trabalha na construção civil e um ou outro nos restaurantes a lavar pratos. Também porque muitos não têm habilitações académicas além da quarta classe. Trabalham de sol a sol e levam uma vida quase miserável para poderem enviar o máximo de dinheiro aos familiares em Portugal. As instalações são barracas ou contentores, sem o mínimo de condições de sobrevivência humana. A maior parte dos emigrantes está ilegal. À noite, quando chegam cansados de trabalhar, ainda têm de cozinhar para o jantar e para o almoço que no dia seguinte levam na marmita. Lavam a roupa que depois de seca colocam debaixo do colchão para ficar com um aspecto de passada a ferro. A higiene pessoal é feita em casa de banho improvisada e colectiva, e o banho é de chuveiro com um regador preso no tecto em sistema de roldana. Tudo isto para mim é novidade e

confesso que não sei como me vou adaptar. No entanto, e porque o Homem tem um sentimento de solidariedade nos momentos difíceis, todos se ajudam. E nessas situações os portugueses deixam bem abertas as portas do coração.

Escrevi a primeira carta à Teresa. Tive de esperar que ela fosse para Coimbra porque não posso arriscar enviar seja o que for para a minha aldeia. A esta altura deve estar tudo sob alerta máximo para me tentarem localizar. Coitados dos meus pais! Imagino como estarão sofrendo! A minha mãe não deixará em paz os santinhos da sua devoção! Como gostava de poder falar com eles! Talvez lhes dissesse aquilo que nunca lhes disse quando lá estava. Talvez lhes contasse o quanto gosto deles, como me custa a separação e as saudades que já sinto. Na verdade, as separações são apenas geográficas, e a aproximação afectiva é inversamente proporcional à distância. Mas como tudo, é preciso senti-lo para o compreendermos verdadeiramente. Sei que a Teresa fará chegar notícias minhas aos meus pais através da Delfina. Aquela adorável mulher a quem nesta altura eu também gostava de poder demonstrar o afecto que tenho por ela, abraçá-la com muito carinho e dizer-lhe: - gosto muito de si!

Ai! A Teresa... está com tantas saudades minhas como eu dela... disso tenho a certeza! Apesar de todas as minhas provas de amor, agora e aqui, ponho em dúvida se terei feito passar bem a mensagem de tudo que por ela sinto. Umas vezes torna-se difícil fazê-lo, outras, achamos que estaremos sempre a tempo. Quando tomamos consciência de que perdemos a oportunidade, é que reconhecemos e valorizamos as nossas omissões. Quando regressar e nos casarmos, quero compensá-la de tudo e fazê-la feliz. Por agora, resta-me aguardar carta com ansiedade.



Maria Alcina de Araújo Faria nasceu em Braga onde cresceu e estudou. Frequentou a Academia de Pintura do pintor Luís de Campos tendo participado em algumas exposições. Muito jovem foi viver para a cidade do Porto onde reside.

Desde pequena que tem gosto pelas artes e as letras.

No campo da pintura, a óleo e aguarela, participou em algumas exposições.

Em Arte Sacra, pintou muitas imagens, cópias de imagens antigas, que se encontram em colecções particulares no País, e algumas no Estrangeiro.

Na área da literatura, publicou o livro de poesia A VIDA, SONHOS & POESIA pela Editorial Minerva.

Está representada em várias Antologias de Poetas Lusófonos.

Este é o seu primeiro romance.